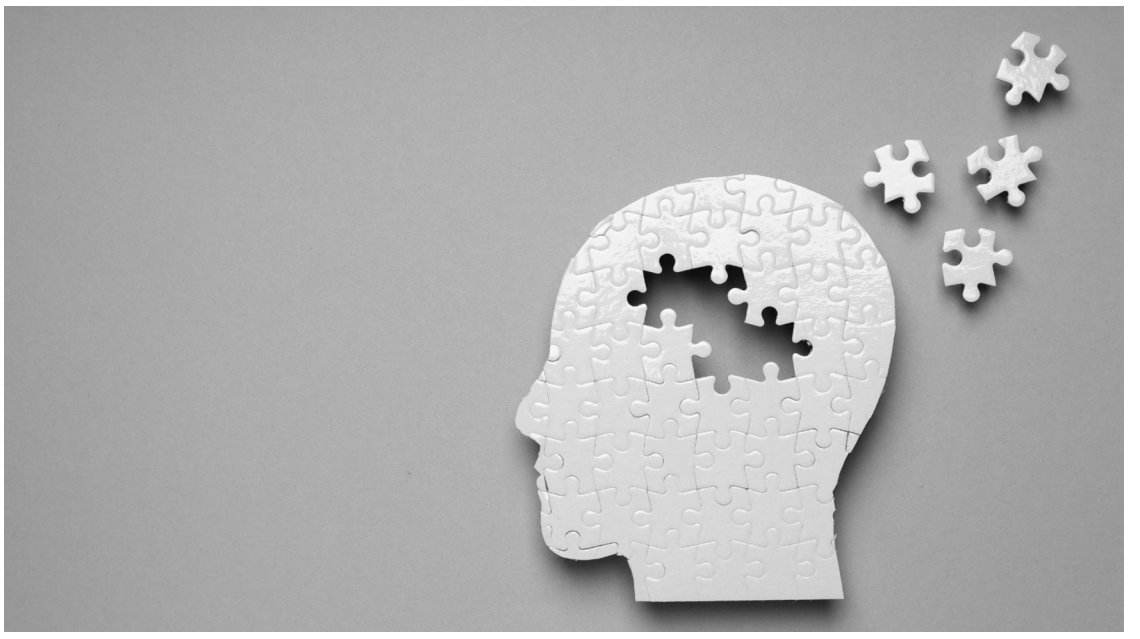
Ordem dos Enfermeiros AÇORES

COORDENAÇÃO: **TIAGO LUZ ALMEIDA** EMAIL: **tiago.almeida@ordemenfermeiros.pt**

Demência: uma presença, ausente

"Quando a memória de uma pessoa começa a falhar, não é só o seu passado que se apaga, é toda uma teia de relações, rotinas e significados que sustentam famílias inteiras"



Em termos clínicos, a demência descreve um conjunto de síndromes que comprometem a memória, a linguagem, o raciocínio e a autonomia global do indivíduo. Os números (milhões de pessoas afetadas no mundo) dizem pouco sobre a dor silenciosa de quem vê um rosto familiar tornar-se, aos poucos, desconhecido. No fundo é viver um luto em vida, onde o corpo permanece, mas a essência desvanece. Não é apenas uma doença neurológica. É também uma experiência coletiva. Quando a memória de uma pessoa começa a falhar, não é só o seu passado que se apaga, é toda uma teia de relações, rotinas e significados que sustentam famílias inteiras. É uma barreira de betão entre o "eu" e o "nós": o doente esquece, mas quem o ama recorda por ele. Esta partilha desigual de lembranças, revela a profundidade do impacto humano desta condição. Mesmo sem palavras a ternura da presença mantem-se, pois não se trata daquilo que esquece, é também o que sente e faz sentir.

Aceitar as mudanças impostas é um processo lento, muitas vezes marcado por culpa, dor e exaustão. Os filhos tornam-se pais dos próprios pais, o(a) esposo(a), outrora companheiro(a), torna-se cuidador(a). As conversas diminuem, as decisões aumentam. Entre comprimidos, papéis e memórias, a casa transforma-se gradualmente em território clínico. No entanto, é nesse cenário de perda, que a dimensão humana precisa ser reforçada.

"Precisamos de aprender a permanecer junto de quem se apaga devagar, reconhecendo que, quando alguém se perde nas sombras da memória, é tarefa de todos manter acesa, a luz da sua dignidade"

Os Enfermeiros assumem um papel essencial para enfrentar a demência. São o elo em toda a multidisciplinaridade, pois a intervenção eficaz é aquela que combina competência técnica e humana. Apoiar o luto e a adaptação familiar, reinventar o quotidiano, garantir segurança e orientação farmacológica. Identificar novas necessidades: no autocuidado, na alimentação, na deambulação e no repouso. Utilizar técnicas de comunicação que respeitem as limitações cognitivas, pois assume-se como um elemento facilitador para o estabelecimento de relações terapêuticas e familiares.

É fundamental direcionar o foco para a garantia de autonomia ou a retardar a perda da mesma, através de novas rotinas, adaptadas à fase da demência (ligeira, moderada ou grave) e que promovam uma auto perceção de utilidade.

Não é só tratar sintomas, é também reconstruir modos de vida, restabelecer pontes entre a biografia e a biologia. Orientar e envolver a família reduz o isolamento e previne a sobrecarga emocional.

Há, contudo, um desafio mais exigente: a sociedade ainda não sabe lidar com o envelhecimento e a perda cognitiva. Valorizamos a produtividade, a velocidade e a juventude, no entanto, esquecemos que a vulnerabilidade também faz parte do Ser Humano. Precisamos de aprender a permanecer junto de quem se apaga devagar, reconhecendo que, quando alguém se perde nas sombras da memória, é tarefa de todos manter acesa, a luz da sua dignidade.■

ENFERMEIRO GONÇALO CARREIRO
SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE SANTO ANTÓNIO DA LAGOA – LAR DE SANTO ANTÓNIO